

Segundo MoodleMootUY,
22 y 23 de Noviembre de 2012
Montevideo, Uruguay

Fórum de Discussão: espaço de possibilidades de transformações na convivência

Luciane M. C. Real (a), Jaqueline Santos Picetti (b)

(a)Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Av. Paulo Gama, 110
Brasil

(b) Professora SMED/POA-RS

lucreal@gmail.com; jaquelinepicetti@gmail.com

Resumo: *Trata-se de um relato de experiência na forma de estudo de caso sobre a utilização do fórum no Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle. O fórum foi promovido durante uma disciplina de graduação em Licenciatura. Relacionam-se as situações experimentadas pelos alunos, nesse espaço, com as possibilidades de trabalho e de aceitação das diferenças de pensamento e de níveis de conhecimento possibilitadas pelas discussões. Utiliza-se, como embasamento teórico, o constructo da Aprendizagem Amorosa (Real, 2007), conceito que nasce na confluência de três autores: Jean Piaget, Humberto Maturana e Michel Serres.*

Palavras-chave: Fórum, Aprendizagem Amorosa, Aceitação das diferenças, diferentes níveis de conhecimentos

1. Apresentação

Entre as diferentes formas de interação nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, o fórum de discussão pode ser um espaço rico de expressão de ideias, trocas de opiniões, elaborações de novos pensamentos, ou seja, de intenso debate e possibilidades de construção do conhecimento. O fórum pode tornar-se um espaço de encontro entre os autores, de diferentes formas de analisar e de refletir. Neste sentido pode constituir-se como um espaço de aceitação dos diversos pensamentos e de diferentes níveis de conhecimento e de aprendizagem. Com base nessa ideia é apresentado este relato de experiência sobre a utilização do fórum de discussão no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle durante uma disciplina de Psicologia da Educação que faz parte dos cursos de graduação em Licenciaturas da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A metodologia foi de cunho qualitativa, longitudinal, na forma de estudo de caso da turma citada, com 33 alunos participantes. O estudo de caso, conforme Yin (2010), visa aprofundar um tema, tratando-se de uma estratégia de pesquisa de forma mais aprofundada. O objetivo deste relato é relacionar as situações experimentadas pelos alunos e professor no fórum com as possibilidades de trabalho com a aceitação das diferenças de pensamento e de níveis de conhecimento e aprendizagem, possibilitadas pelas discussões. Utiliza-se, como embasamento teórico, o constructo da Aprendizagem Amorosa, que foi elaborado a partir da interlocução dos pesquisadores Jean Piaget (1972, 1973 e 2001), Humberto Maturana (1993, 2002a, 2002b e 2004) e Michel Serres (s/d), durante a investigação de doutorado de Real (2007). Entende-se a aprendizagem como mudanças estruturais na convivência e amor, como aceitação do outro como legítimo outro. Aprendizagem Amorosa são as mudanças na convivência no sentido de aceitação do outro como legítimo.

2. Aprendizagem Amorosa e Fórum

A Aprendizagem Amorosa pode representar o enfrentamento das diferenças de pensamento e de níveis de conhecimento e aprendizagem na sala de aula, podendo envolver modificações na convivência. O amor como a aceitação do outro como legítimo outro é a aprendizagem do respeito, da colaboração e da cooperação.

Na abordagem sobre a questão da diferença, destacam-se as marcas que nos diferem do *outro*, como as vivências culturais, as maneiras existenciais de viver de cada pessoa, as formas de pensar e opinar, os níveis de aprendizagem, entre outras. O fórum de discussão pode tornar-se um espaço desafiador de construção da Aprendizagem Amorosa. Nele, alunos e professores expõem suas elaborações, as relacionam e as confrontam, podendo construir uma nova opinião. Pode constituir-se em um espaço para ouvir e ser ouvido, de falar e ser compreendido e reescrito.

Reconhecer a legitimidade do *outro* no fórum de discussão não significa, necessariamente, aceitar todos seus atos e formulações como válidos, mas compreender e lidar com as diferenças. É poder nesse espaço desenvolver seus conhecimentos de acordo com seu nível de entendimento e entrar em contato com os dos colegas, podendo então estabelecer relações e confrontações, respeitando as distinções, mas também as utilizando para o avanço das discussões e construções do grupo. É também libertar-se das certezas na busca de uma construção individual e coletiva ao mesmo tempo.

3. Descrevendo a experiência

O processo de Aprendizagem Amorosa pode ser observado num recorte do fórum onde aparece um estudo sobre o processo ensino-aprendizagem no

grupo operativo. Os alunos receberam um texto para estudar sobre a temática e foram convidados a discutirem e trocarem suas aprendizagens (os nomes são fictícios para preservar o anonimato dos sujeitos – os participantes também assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido concordando em participar da pesquisa).

Marcos: professora, no texto é dito que o coordenador tem o mesmo "valor" e participação no grupo, dos demais participantes. Se ele não tem comando, qual é a sua verdadeira função no grupo?

Professora: Ótima questão! O fato de o coordenador ter o "mesmo valor" não implica que ele tenha a mesma função. No texto, é estabelecida também esta diferença. Quem sabe, deixamos a questão em aberto, para que outros colegas participem do debate? Aguardamos as contribuições dos demais!

Roberto: Mesmo que o professor tenha o mesmo valor que os seus alunos, na prática não é visto assim, pois no ambiente escolar, os alunos vêem uma necessidade do professor naquele lugar, já que é este que "passa" o conhecimento aos alunos. Então o fato do professor desempenhar um papel importante na sala de aula, não faz com que ele tenha um "valor" um pouco maior?

Augusto: Parei um pouquinho para olhar o que estava acontecendo. Gostei do enfoque que destes. Acho que a palavra valor tem vários sentidos e todos dependentes do contexto. No exemplo professor/aluno minha impressão é que o professor tem um valor maior, pois os alunos que estão participando da aula estão lá para somar algum conhecimento. Dessa forma o professor tem um valor importante para o contexto da aula. Não estou dizendo que como ser humano valha mais que o resto... sem divagar muito, cada um no seu lugar e que valorize adequadamente cada momento.

Homero: Achei interessante o comentário quanto ao papel do orientador (professor) e acho que a questão está na maturidade do grupo em questão. Pois, caso não haja maturidade suficiente para que o orientador seja o condutor rumo ao conhecimento, tudo irá por água abaixo. Muitas vezes em certos grupos é somente com a autoridade de quem está em um "posto" acima que faz com que a coisa ande pra frente. Mas se o grupo for sendo trabalhado gradativamente e adquirindo maturidade, poderá ser adotado o orientador como parte, não diferente, mas fundamental no processo ensino-aprendizagem. Ai entra outra questão, que acredito ser pertinente, qual a viabilidade de construir-se um GO? E que caminhos podemos seguir para construirmos um.

Norton: Essa questão está me parecendo pouco definida. Como o colega disse anteriormente, a palavra *valor* pode ser relativizada. Entender orientadores e orientados como sendo de mesmo valor como seres humanos é fácil, e mais que isso, natural (pelo menos atualmente). Porém o que estou achando mais difícil é entender como os grupos operacionais chegam à meta da tarefa em si, se por exemplo, um lado dominante do grupo chegar a uma conclusão equivocada. Entendo que nesse momento o orientador tentará argumentar, porém, persistindo a insistência no equívoco, chegará um momento de bater o martelo, ou o resultado do encontro do grupo ficará comprometido. Bom, o que quis dizer é que para coordenar subentende-se alguma autoridade/hierarquia, por mínima que seja, até porque muita autoridade comumente causa desconforto.

Refletindo sobre as contribuições acima observa-se que o fórum pode constituir-se com um processo de aceitação do outro como legítimo outro, diante da transformação na convivência, pois nesse, todos puderam falar, diferente de um debate em sala de aula, onde há um espaço (sala de aula) e um tempo definido (tempo da aula) e onde, muitas vezes, nem todos conseguem participar. Logo, o respeito pela opinião e aprendizagem do outro,

faz-se necessário para que o processo de construção do conhecimento ocorra. Constata-se nessa situação que a professora valoriza e respeita o posicionamento de Marcos, mas aproveita para, no lugar de dar a resposta, desafiar o grupo a refletir sobre o assunto e emitir suas ideias e aprendizagens. A partir disso, acompanhamos o posicionamento de Roberto, que conclui ampliando os questionamentos. Nas colocações de Augusto, Homero e Norton, os quais não tomam todas as formulações dos colegas e da professora como corretos, vemos a demonstração do processo de compreensão e a forma como conseguem lidar com as diferenças de aprendizagens. Observa-se nessa experiência que o grupo consegue estabelecer analogias e confrontações, considerando as diferenças e as usando para o avanço das aprendizagens.

Nessas trocas, os alunos conseguem desenvolver os conhecimentos conforme seu nível de aprendizagem e entrar em contato com os dos colegas, como é possível observar no relato a seguir:

Professora: Sim, há uma diferença entre AUTORIDADE e AUTORITARISMO (que vamos estudar também mais adiante). A autoridade é necessária e para isto, existem diversos tipos de liderança que são listadas: a democrática, a autoritária e a laissez-faire. Cada grupo, requer um tipo de liderança, a questão é ir encaminhando para uma democrática em que todos sejam responsabilizados pelo funcionamento do grupo, não tendo com isto o coordenador um "valor" maior ou menor, mas sim uma função diferente, de comprometer todos com a tarefa a qual o grupo se propõe. No GO um dos objetivos é justamente o enriquecimento do ser humano na tarefa. Como o nosso texto resume em três palavras as qualidades do coordenador: arte, ciência e paciência. (p. 80). O coordenador desta forma, deve facilitar o diálogo, não estimular a dependência, auxiliar o grupo a sair dos estereótipos, respeitando o tempo de cada grupo. Quanto ao bater o martelo, deixo a questão em aberto para continuarmos refletindo sobre este assunto.

Lucas: Acredito que a função do coordenador seja a de auxiliar na construção do conhecimento, não como o "dono da verdade", mas alguém aberto a opiniões diferentes para que se possa promover o debate.

Marcos: então na realidade não seria uma função de coordenador, pois o próprio nome diz (é quem coordena, manda.), e sim um organizador de tarefas no grupo.

Joana: Ao acompanhar as discussões da turma, percebe-se que há uma dificuldade de compreensão do papel do coordenador do grupo operativo, acredito que isso ocorre, pois, possuímos uma cultura internalizada de que só se aprende quando alguém ensina, porém, é preciso compreender que quando falamos em grupos operativos estamos falando de uma outra lógica de aprendizagem, assim, "não se pode pretender organizar o ensino em grupos operativos sem que o pessoal docente entre no mesmo processo dialético que os estudantes, sem dinamizar e relativizar os papéis e sem abrir amplamente a possibilidade de um ensino e uma aprendizagem mútua e recíproca"(p.57). Há uma autoridade, porém não há autoritarismo.

Professora: Muito bem colocado Joana. Conseguistes sintetizar bem a função do coordenador e ao mesmo tempo, ampliar a questão para o processo de ensino-aprendizagem, onde apontas a questão da concepção epistemológica que esta embutida em cada um de nós. Pensando aqui, nos grupos operativos, podemos considerar o construtivismo como subjacente a este processo, onde todos somos ensinantes e aprendentes. O que vocês pensam sobre esta questão?

No decorrer da discussão observa-se que as elaborações vão se aprimorando e novos conceitos são construídos e trazidos. Porém, percebe-se que ainda possuímos formas diferentes de compreensão e de aprendizagem sobre o

tema. Marcos ainda está muito fixado no conceito de comando, apesar da professora ter salientado a diferença dos conceitos de autoridade e autoritarismo. Já Joana e Lucas demonstram considerável avanço, relacionando suas colocações, no caso da Joana, com o texto estudado pela turma. O fórum de discussões, nessa situação, configura-se como um espaço onde as concepções são expostas, confrontadas e relacionadas entre si e com a teoria estudada. No fórum de discussão os alunos e professores podem falar, ouvir, serem escutados, compreendidos, reescritos e questionados, podendo também elaborar novos conceitos, possibilitados pelas trocas.

4. Considerações finais

A partir dessa experiência, pode-se afirmar que é necessário o coordenador/professor estar atento às emoções que estruturam o conversar entre professores e alunos e entre os alunos. O fórum de discussão do Moodle é um espaço importante de construção de desafios da aprendizagem amorosa, isto é, da aceitação e compreensão das diferenças. A partir das interações estabelecidas nele, professores e alunos podem experimentar a possibilidade de um emocionar que se estrutura através da consideração do *outro* como legítimo *outro*. O fórum de discussão no Moodle representa um local possível da instigação da vivência do emocionar fundado na aceitação do *outro*.

Referências Bibliográficas

- Maturana, Humberto. Uma nova concepção de aprendizagem. *Dois pontos*, v. 2, n. 15, (1993)
- _____. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, (2002)
- _____; Varela, Francisco. *A árvore do conhecimento*. São Paulo : Palas Athena, (2002)
- _____; Zöller, Gerda V. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena, (2004)
- Piaget, Jean. Development and learning. In LAVATTELLY, e STENDLER, F. *Reading in child behavior and development*. New York: HartcourtBrace Janovich, (1972)
- _____. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: J. Olympio, (1973)
- _____. *Inteligencia y afectividad*. Buenos Aires: Aique, (2001)
- Real, Luciane Magalhães Corte. *Aprendizagens Amorosas na Interface Escola, Projetos de Aprendizagem e Tecnologias Digitais*. Tese de doutorado. Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Porto Alegre, 2007.
- Serres, Michel. *O Terceiro Instruído*. Lisboa: Instituto Piaget, sem data.
- Yin, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 4° Ed. Porto Alegre: Bookman. (2010)